

Breve panorama da sociedade são-joanense sob o ângulo das relações musicais

Marta Aparecida de Aquino

Maria Alciene Neves

Resumo: O presente trabalho a partir de uma reflexão sobre a música em diversos contextos, pretende lançar um olhar especial para a tradição da atividade musical cristalizada na cidade mineira São João del-Rei, de forma específica no século XIX. Para consolidar essa tradição, destacaremos a importância das duas orquestras bicentenárias da cidade, a Lira São-joanense e especialmente a Ribeiro Bastos, que promoviam a intensa vida cultural dos são-joanenses e também permitiam a democratização da música erudita.

Introdução

Nas diversas comunidades ou sociedades humanas, independente do seu tempo histórico, pode-se encontrar uma determinada manifestação musical. Na Europa, nas Américas, na África, na Ásia ou na Oceania, em todos os lugares, ela se faz presente e cumpre determinadas funções. Assim, a música faz parte da vida humana, seja para marcar o ritmo de trabalho, para sensibilizar os deuses, através das danças ritualísticas, falar dos sentimentos, acalmar ou excitar a alma. Cada sociedade apresenta suas próprias formas de produzir e consumir a música. A leitura dessas manifestações possibilita uma compreensão mais acurada da identidade cultural de um povo.

Como seriam nossas vidas se não houvesse sons dispostos em melodias e/ou harmonia? Será que conseguiríamos viver num mundo em que não houvesse música? Como seriam os rituais religiosos sem cantos, torcidas esportivas sem batucadas, carnaval sem samba? O homem poderia até sobreviver, pois a música não mata a fome (de comida), a sede (de água). Mas *a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e*

arte.¹ Eis que a alma humana também precisa alimentar-se, e a música é um dos melhores e mais saborosos alimentos.

Sabendo que a arte é impregnada das particularidades de seu tempo, que pode traduzir as experiências históricas e nos remeter ao mundo originário do artista pois - por mais que ele tente se subtrair ao mundo - transmite, através da obra, o modo de pensar, viver, sentir o mundo. Dessa forma, é possível buscar o conhecimento de uma sociedade através do conhecimento de sua arte. No caso deste artigo, ao estudar a atividade musical em São João del-Rei, no final do séc. XIX, pretendemos traçar um panorama da sociedade são-joanense nesse período. Como afirma Raynor (1986, p.23), “a música não pode existir isoladamente do curso normal da história e da evolução da vida social, pois a arte surge [...] da vida que o seu criador leva e dos pensamentos que tem”. É a partir do olhar sobre a relação entre arte e contexto sócio-cultural que faremos alguns apontamentos sobre a tradição musical que pontua a história da já referida cidade mineira.

O engendramento de uma tradição

Desde a formação da vila, nos primórdios do século XVIII, até os dias de hoje, em São João del-Rei, o fazer musical desempenhou e desempenha um importante papel na cultura mineira, que permanece vivo graças à atividade de duas orquestras bicentenárias. Nesse sentido, durante o século oitocentista e primeira metade do século XIX, a música atendia principalmente ao ritual religioso, os músicos eram contratados pelas Irmandades e pelo Senado da Câmara. Segundo Aluizio Viegas (1987, v.5, s.p.) na segunda metade do século XIX, a vida musical se intensificou e as duas corporações musicais existentes, Lira São-joanense e Ribeiro Bastos, precisaram ampliar seus repertórios para atender às exigências do público. Neves (1984, p. 10) afirma que a orquestra Ribeiro Bastos, a partir da segunda metade do século XIX, dedicou-se também ao repertório profano, atuando em espetáculos teatrais, acompanhando Óperas, Operetas, Revistas e Concertos com obras de compositores locais e peças do repertório clássico e romântico europeu. No último quartel do século XIX, foram criadas sociedades musicais com o objetivo de promover concertos e incentivar músicos locais e visitantes.

¹Comida - Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Brito.

As festas religiosas são-joanenses ficaram divididas entre as duas orquestras citadas. A Orquestra Lira Sanjoanense, desde sua fundação, é responsável pela assistência musical da Venerável Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte (1735). Essa irmandade realiza, no mês de agosto, uma das mais belas celebrações de São João del-Rei, conhecida como “Semana Santa dos Mulatos”, pois o título original na fundação da confraria era “Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte dos Homens Pardos da Vila de São João del-Rei”, de suma importância histórica para a região.

Por outro lado, desde sua fundação, as orquestras aqui instaladas tiveram que suprir também às necessidades musicais do Senado da Câmara e, por esse motivo, adquiriram repertório profano. Podem-se citar adaptações de óperas italianas, música de câmara e a música de salão.

Nos concertos da Sociedade Philarmônica S. Joannense, do Club Ribeiro Bastos, dentre outros, tocavam-se músicas dos grandes compositores europeus como também de Carlos Gomes (veja Anexo nº 2). Desta forma, aqueles músicos das orquestras, de origem humilde, executavam e consumiam o melhor da música erudita.

O Club Ribeiro Bastos dava oportunidade aos componentes da corporação – pessoas de diferentes condições financeiras – de ouvir e tocar a música erudita européia e brasileira. O espaço de “exposição” da “boa” música era acessível a pessoas de diversas camadas sociais iniciadas na arte musical.

Ao ler os jornais de São João del-Rei do final do século XIX, pode-se perceber a intensidade da vida cultural da cidade, pois, constantemente, deparamo-nos com anúncios e comentários críticos sobre concertos, espetáculos teatrais e festividades cívicas e religiosas.

Em geral, as elites do século XIX consumiam uma arte considerada erudita - aquela desenvolvida na Europa - enquanto o povo apreciava uma arte popular às vezes mais, às vezes menos elaborada do ponto de vista de uma estética voltada para os padrões mais elitizados da arte. Sendo assim, o gosto estético era responsável por uma distinção entre as pessoas e as classes sociais. A música em São João del-Rei fugiu a essa regra. Havia espaços e oportunidades de “democratização” do consumo e produção da música erudita. Se o gosto estético se formava a partir do contato constante com o objeto de arte, o contato com a música sacra erudita se dava constantemente em São João del-Rei, nas diversas festividades religiosas ocorridas durante o ano.

Em São João del Rei, ainda hoje, pode-se encontrar um calendário religioso festivo muito movimentado, de janeiro a dezembro - como podemos observar no Anexo nº 1. Estas festas, promovidas pelas Irmandades

nas suas Igrejas reuniam um grande número de devotos que ouviam a música tocada pelas orquestras.

Além de tocar nessas festas, as orquestras tinham o compromisso de tocar em missas durante todo o ano. Assim, as Irmandades proporcionavam a todos, independente da origem social, a condição de consumir e apreciar a música “elaborada” executada pelas orquestras Lira Sanjoanense e Ribeiro Bastos. Ouvir a “boa música”² das orquestras não era privilégio de um pequeno e seletivo grupo, mas um direito de todos os fiéis. Todos deveriam freqüentar a Igreja, cumprir suas obrigações de católico - assistir à Missa, participar das cerimônias, o que os colocava em contato direto e constante com a música sacra (erudita).

A democratização desse tipo de música não se dava somente no espaço sagrado. As pessoas mais pobres também tinham acesso ao aprendizado da música. O número significativo de músicos mulatos, e mesmo negros, nas orquestras comprova esta afirmação.

A formação dos músicos acontecia na Escola Normal, em colégios que ofereciam aulas de música - pagas à parte, eram também ministradas por professores particulares que ensinavam nas casas, por parentes e nas escolas das orquestras. As aulas ministradas por pessoas da família e pelas orquestras é que davam oportunidade às pessoas mais pobres de ingressar no mundo da música erudita - sacra ou profana. O maestro Martiniano Ribeiro Bastos, por exemplo, cobrava de quem podia pagar pelas aulas e oferecia, gratuitamente, aulas àqueles que não tinham condições de remunerá-lo por elas, muitas vezes, abrigoando os alunos em sua própria casa. Os aprendizes das orquestras, aos poucos, eram por elas assimilados, participando das diversas atividades e compromissos que elas assumiam durante o ano. Os meninos pobres, então, iriam executar músicas de compositores europeus, brasileiros e são-joanenses nas cerimônias religiosas e, como a aprendizagem de composição se dava através do contato com as partituras - principalmente dos mestres da música europeus - eles inclusive poderiam vir a compor.

Mesmo que se tenha desenvolvido uma música popular, observamos a força da música erudita, identificada a uma elite, quando esta é executada pela Orquestra Ribeiro Bastos, na comemoração do primeiro aniversário da Abolição da Escravatura, como podemos ver no seguinte artigo:

Os favorecidos pela Lei 13 de Maio celebraram nesta cidade o primeiro aniversário de sua libertação por meio de alvorada, missa cantada, Te Deum, finalizando [sic] as festas a noite

²Boa música era a forma como os jornais do século XIX se referiam à música erudita.

com partituras executadas pela orchestra Ribeiro Bastos sobre um coreto adornado que foi para este fim erguido no largo do Rosário.

Correu tudo na melhor ordem graças a boa direcção da comissão promotora a qual não regateamos elogios.³

É verdade que as orquestras contavam com grande número de mulatos e negros, mas nesta festa era de se esperar que a manifestação fosse mais “negra”. Nem todos os negros e mulatos - naquele momento já livres - integravam as orquestras e é pouco provável que não tivessem a sua música. Será que houve outras formas de comemoração que fugissem às celebrações católicas e à música da orquestra? Se houve, elas foram ignoradas pelo redator do jornal “A Pátria Mineira”, pois à elite interessava a festa que ocorreu “na melhor ordem”, naturalmente, a que se ligava a seus valores culturais, religiosos e estéticos.

Um outro aspecto que poderíamos abordar sobre a sociedade são-joanense, através da leitura dos jornais, é em relação a sua religiosidade. Não é novidade para ninguém a forte presença da religião na vida do são-joanense. Isto pode ser observado ainda hoje no movimentado calendário festivo religioso que congrega um grande número de fiéis. No século XIX, como podemos conferir no anexo nº 1, quase se poderia marcar os meses do ano pelas festas religiosas. O que chama a atenção em algumas dessas festas religiosas do séc. XIX é a associação do profano ao religioso. Nos convites publicados, em seus programas, constava a presença da Banda de Música no coreto e a queima de fogos de artifício. Isso é mais evidente nas festas realizadas no bairro chamado Matozinhos, uma vez que nos comentários dos jornais se descreve mais claramente a parte profana da festa. Como exemplo, vejamos trechos do jornal “O Arauto de Minas”:

... É noite.

O pitoresco largo illuminado caprichosa e fantasticamente se enche da multidão, que, ao som de escolhidas peças musicas executadas no coreto erguido junto a Igreja, assiste ao fogo de artifício queimado em honra do Divino Espírito Santo. [...]

Terminado o fogo, lá se promove uma partida familiar, em que as mimosas cinturinhas das bellas em rapidos volteios de uma walsa ou polka, deixão ver quanto são elegantes corpinhos, que sobre ellas assentam.

Além, n’aquella casinha se reúne uma sucia folgasan, que ao

³ A Pátria Mineira, 16 de maio de 1889, p. 3.

som de requebrada viola, e cadente sapateado, mostra que nunca são esquecidas as danças nacionaes nos folguedos do povo. E assim passa-se o restante da noite até que o sol nascente, espancando as trevas, chama a todos à realidade da vida, e cada qual a seus affaseres [...].⁴

[...] Além dos actos religiosos as festas profanas tem de attrahir um sem numero de romeiros e devotos que da redondesa e de longe correrão ao visinho arraial [...].

Além de cavalhadas, para cujo torneio vem distinctos fazendeiros do Rio Novo, com soberbos corceis, teremos danças à phantasia e espetáculos pela companhia do afamado artista brasileiro Manoel Pery.⁵

Nesses trechos, podemos perceber a intimidade existente entre o sacro e o profano nas festas de Matozinhos. Neles fica claro que as festas profanas serviam para atrair os devotos e não havia conflito entre o sagrado e determinada forma de profano, aquela das valsas, polcas e quadrilhas, das excelentes peças executadas pelas Bandas de Música. Mas os folguedos do povo, citados no “Arauto de Minas”, de 19 maio de 1877, não eram bem vistos. Neste jornal aparece, uma única vez, referência a uma música distante da consumida pela elite ou por ela admitida. Era a música tocada na viola e associada à dança do sapateado. Enquanto no largo, onde se encontrava a Banda tocando valsas e polcas, o redator fala em uma “*partida familiar*”; aos presentes nos “*folguedos do povo*”, o jornal refere-se como sendo uma “*sucia folgasan*”, expressão que bem denota a sua visão sobre aqueles que não se enquadravam nos seus valores estéticos. Embora ele não recrimine claramente estas manifestações, demonstra um preconceito contra a música consumida pelos mais pobres.

Porém, se a elite da sociedade são-joanense desprezava os padrões artísticos e as formas de diversão do povo, parece que não se sentia muito à vontade com seus próprios padrões. Os jornais deixam transparecer certa insatisfação com a falta de divertimentos ou com aqueles que são oferecidos. Como exemplo, temos os seguintes trechos:

unico ponto de reunião familiar (a Sociedade Philarmônica), que nos distrae, unico passatempo agradável, unico antídoto ou específico para combater o cinismo em que vivemos e o splen que lentamente nos consome. [...]

Longe vão esses tempos felizes em que esta cidade contava

⁴O Arauto de Minas. 19 de maio de 1877, p. 3.

⁵O Arauto de Minas, 17 de maio de 1884, p. 2.

os seus dias por festejos e divertimentos. Longe vão esses tempos em que São João del-Rei primava pelos seus bailes frequentes e animados, pelas suas sociedades teatrais e carnavalescas, pelas suas constantes reuniões e serenatas.⁶

Considerações finais

Em São João del-Rei, a música por ser “patrocinada” principalmente pelas Irmandades adquiriu inicialmente um caráter religioso, tornando-se responsável pelo brilhantismo das festas da ordem do sagrado, o que legitimou esse tipo de arte, conferindo-lhe certo *status*. Em outras palavras, a música representava um modo de ascensão social.

Interessante notar também que os jovens de uma classe menos favorecida tiveram a oportunidade de apreciar a arte musical que, em geral, era consumida pelas elites, seja pelo contato com a música nas Igrejas - que lhes teria despertado determinados valores estéticos - ou pelas oportunidades que tiveram para sua formação, ou até mesmo pela busca de aceitação e ascensão social através da tentativa de identificação com essas elites.

Portanto, encontramos em São João del-Rei algo que a diferencia de outras sociedades, que é o intercâmbio entre as camadas sociais na produção e consumo da música erudita. Esse trânsito permitido pela atividade das orquestras Ribeiro Bastos e Lira Sanjoanense é mantido até os dias atuais. Não é à-toa que essa cidade mineira é conhecida como *Cidade dos Sinos*. É graças à comunhão entre a religião e a musicalidade que o diálogo com o profano se estabelece, fomentando assim a identidade cultural do são-joanense.

⁶O Arauto de Minas, 02 de dezembro de 1882, p. 3.

Referências bibliográficas

Neves, José Maria. 1984. *A Orquestra Ribeiro Bastos e a vida musical em São João del-Rei*. Rio de Janeiro: O Globo..

Raynor, Henry. 1986. *História social da música; da idade média a Beethoven*. Rio de Janeiro: Guanabara.

Viegas, Aluizio José. 1987. *Música em São João del-Rei de 1717 até 1900*. Vol. 5. São João del-Rei: Revista do Instituto Histórico e Geográfico.

Anexos

Anexo nº 1 - Festas Religiosas com Música

| Meses | Festas |
|-------------------------------------|---|
| Janeiro | Primeiro dia do ano e de São Sebastião |
| Fevereiro | Nossa Senhora do Pilar e Nossa Senhora de Lourdes |
| Março | Festa das Dores e de Passos |
| Abril | Semana Santa |
| Maio | Mês de Maria Nossa Senhora da Piedade Santa Cruz Festa de Matosinhos* : <ul style="list-style-type: none">• Divino Espírito Santo• Senhor Bom Jesus de Matosinhos• N. S^a da Conceição da Lapa |
| Junho | N. S ^a da Saúde (também apareceu em Maio) Senhor dos Montes, Corpus Christi, Santo Antônio |
| Julho | N. S ^a do Carmo |
| Agosto | N. S ^a da Boa Morte e Assunção |
| Setembro | Senhor do Bonfim (também apareceu em Julho) |
| Outubro | São Francisco de Assis, Santa Tereza de Jesus e N. S ^a do Parto |
| Novembro | Santa Cecília (também apareceu em Dezembro) |
| Dezembro | N. S ^a da Conceição N. S ^a do Rosário Natal Fim de ano |
| Primeiras Sextas-feiras de cada mês | Sagrado Coração de Jesus |

* As festas em Matosinhos tinham data móvel, acontecendo em alguns anos nos meses de Junho ou Julho.

Anexo nº 2 - Compositores Executados nos Concertos

| Compositores | Época em que viveram | Peças executadas |
|----------------|----------------------|--|
| - J. S. Bach | 1685/1750 | - Chacone (variation seriense) para violino. |
| - W.A. Mozart | 1756/1791 | - D. Juan; Flauta Mágica (ária da flauta encantada). |
| - Haydn | 1732/1809 | - Andante cantabile |
| - Schubert | 1797/1829 | - Serenata; La Serenade, para instrumentos de corda. |
| - Beethoven | 1770/1827 | - Sonata Pathetica, para piano. |
| - Rossini | 1792/1868 | - Barbeiro de Sevilha; Mira la bianca lunà (trio para violino, violoncello e piano); Stabat Mater; Semiramis (ária de soprano). |
| - Paganini | 1782/1840 | - Adágio e tema com variações sobre o Carnaval de Veneza. |
| - Mendelshon | 1809/1847 | - Rondó, para piano. |
| - Chopin | 1810/1849 | - Rondó em mi bemol. |
| - Bizet | 1838/1875 | - Carmen (ária do Toreador). |
| - Wagner | 1813/1883 | - Tanhausen (ária de Volfrano). |
| - Gounod | 1818/1893 | - Meirelles (duetto para soprano e tenor). |
| - Verdi | 1813/1901 | - Rigoletto (dueto); Força do Destino (dueto); Ernani; Baile de Máscaras; Trovador (Meserere); Aída (dueto final para soprano e tenor e coro e acompanhamento de orquestra). |
| - Carlos Gomes | 1836/1896 | - Guarany; Salvator Rosa (ária para baixo); Ave Maria; O Escravo. |

* Também eram executadas composições dos próprios concertistas.